

Keith Lowe

Continente selvagem

O caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial

Tradução:

Rachel Botelho e Paulo Schiller

Para Vera

Título original:

Savage Continent

(*Europe in the Aftermath of World War II*)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2012 por Penguin Books Ltd., de Londres, Inglaterra

Copyright © 2012, Keith Lowe

Copyright da edição brasileira © 2017:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Diogo Henriques | Revisão: Eduardo Monteiro,

Carolina Menegassi Leocadio | Indexação: Gabriella Russano

Capa: Sérgio Campante | Foto da capa: © Bettmann/Contributor/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L953c Lowe, Keith
Continente selvagem: o caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial/
Keith Lowe; tradução Rachel Botelho e Paulo Schiller. – 1.ed. – Rio de Janeiro:
Zahar, 2017.

Tradução de: *Savage continent: Europe in the aftermath of World War II*

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-378-1644-8

1. Guerra Mundial, 1939-1945. I. Botelho, Rachel. II. Schiller, Paulo. III. Título.

1. MUDANÇAS TERRITORIAIS NA EUROPA, 1945-47



Introdução

IMAGINEM UM MUNDO sem instituições. Um mundo em que as fronteiras entre os países pareçam ter se dissolvido, deixando uma paisagem única, interminável, na qual as pessoas viajam em busca de comunidades que não existem mais. Não há mais governos, sejam eles em escala nacional ou local. Não há escolas ou universidades, não há bibliotecas ou arquivos, nenhum acesso a qualquer tipo de informação. Não há cinemas ou teatros, e, certamente, não há televisão. O rádio de vez em quando funciona, mas o sinal é distante, e quase sempre em uma língua estrangeira. Ninguém vê um jornal há semanas. Não há ferrovias ou automóveis, não há telefones ou telegramas, não há correio, nenhuma forma de comunicação a não ser o que é passado de boca em boca.

Não há bancos, mas isso não causa uma grande dificuldade porque o dinheiro não tem mais nenhum valor. Não há lojas, porque ninguém tem nada para vender. Nada é feito aqui: as grandes fábricas e comércios que costumavam existir foram todos destruídos ou desmantelados, bem como a maioria dos outros edifícios. Não há ferramentas, a não ser o que pode ser desenterrado do lixo. Não há comida.

A lei e a ordem virtualmente não existem, porque não existe força policial ou judiciário. Em algumas regiões parece não existir mais nenhum sentido claro do que seja certo ou errado. As pessoas se servem do que querem sem respeitar o direito de propriedade – na verdade o sentimento de propriedade em si praticamente desapareceu. Os bens pertencem apenas àqueles que são fortes o bastante para preservá-los e àqueles que se dispõem a guardá-los com as próprias vidas. Homens armados percorrem as ruas pegando o que desejam e ameaçando qualquer um que procure impedi-los. Mulheres de todas as classes se prostituem por comida e proteção. Não existe vergonha. Não existe moral. Existe apenas sobrevivência.

Para as gerações modernas é difícil conceber que tal mundo exista fora da imaginação dos roteiristas de Hollywood. Porém, existem ainda centenas de milhares de pessoas vivas hoje em dia que vivenciaram exatamente essas condições – não em lugares remotos do globo, mas no coração daquela que foi por décadas considerada uma das regiões mais estáveis e desenvolvidas na Terra. Em 1944 e 1945, grandes porções da Europa foram deixadas no caos durante meses. A Segunda Guerra Mundial – certamente a guerra mais destrutiva da história – devastou não somente a infraestrutura física, mas também as instituições que preservavam a unidade dos países. O sistema político ruiu a tal ponto que observadores americanos advertiram sobre a possibilidade de uma guerra civil que tomaria a Europa inteira.¹ A fragmentação deliberada de comunidades semeou uma desconfiança irreversível entre vizinhos; e a fome universal tornou a moralidade individual irrelevante. “A Europa”, afirmava o *New York Times* em março de 1945, “está em uma condição que nenhum americano pode esperar compreender.” Era o “Novo Continente Negro”.²

Que a Europa tenha conseguido se erguer desse pântano para depois se tornar um continente próspero e tolerante parece nada menos que um milagre. Ao rever os feitos de reconstrução que aconteceram – a reedificação de estradas, ferrovias, fábricas e mesmo de cidades inteiras –, somos tentados a não ver mais que progresso. O renascimento político que ocorreu no Ocidente é igualmente impressionante, em especial a reabilitação da Alemanha, que se transformou de uma nação pária em um membro responsável da família europeia em poucos anos. Um novo desejo de cooperação internacional que traria não apenas prosperidade, mas também paz, nasceu igualmente nos anos do pós-guerra. As décadas desde 1945 foram celebradas como o período mais longo de paz internacional na Europa desde o Império Romano.

Não é de admirar que aqueles que escrevem sobre o período do pós-guerra – historiadores, homens de Estado e economistas – frequentemente o retratem como uma época em que a Europa se ergueu como uma fênix das cinzas da destruição. De acordo com esse ponto de vista, a conclusão da guerra marcou não apenas o fim da repressão e da violência, mas também o renascimento espiritual, moral e econômico de todo o continente. Os alemães denominam os meses que se seguiram à guerra de *Stunde Null* (“Hora Zero”), isto é, um momento em que a lousa foi apagada e a história pôde começar de novo.

Entretanto, não precisamos de muita imaginação para constatar que essa é uma visão decididamente rósea da história. Para começar, a guerra não acabou simplesmente com a derrota de Hitler. Um conflito do porte da Segunda Guerra Mundial, com todas as disputas civis menores que ela englobou, levou meses, se não anos, para se encerrar, e o final chegou em momentos diferentes em partes diferentes da Europa. Na Sicília e no sul da Itália, por exemplo, ele estava terminado no outono de 1943. Na França, para a maioria dos civis, ele terminou um ano mais tarde, no outono de 1944. Em partes da Europa oriental, ao contrário, a violência prosseguiu até muito depois do Dia da Vitória na Europa. As tropas de Tito ainda lutavam contra unidades alemãs na Iugoslávia até 15 de maio de 1945 ao menos. Guerras civis, que foram primeiramente desencadeadas pela ingerência nazista, continuaram a arder na Grécia, na Iugoslávia e na Polônia por muitos anos depois do término da guerra principal; e na Ucrânia e nos Estados bálticos partisanas nacionalistas continuaram a combater tropas soviéticas muito além do início dos anos 1950.

Alguns poloneses argumentam que a Segunda Guerra Mundial não terminou de fato até bem mais recentemente: como o conflito se iniciou oficialmente com a invasão de seu país tanto pelos nazistas quanto pelos soviéticos, ele não terminou antes da saída do último tanque soviético do país, em 1989. Muitos nos países bálticos sentem-se da mesma maneira: em 2005 os presidentes da Estônia e da Lituânia se recusaram a visitar Moscou para a celebração do sexagésimo aniversário do Dia da Vitória argumentando que, ao menos para seus países, a liberação não ocorreu até os primórdios dos anos 1990. Quando alguém contabiliza a Guerra Fria, que foi efetivamente um estado de conflito permanente entre a Europa ocidental e a oriental, e vários levantes nacionais contra a dominação soviética, a afirmação de que os anos do pós-guerra foram um período de paz sem interrupções parece lamentavelmente exagerada.

Igualmente duvidosa é a ideia da *Stunde Null*. Não houve, certamente, o apagamento da lousa, por mais que os estadistas alemães o tivessem desejado. No período que se seguiu à guerra, ondas de vingança e retribuição se derramaram sobre todas as esferas da vida europeia. Nações foram despojadas de territórios e bens, governos e instituições foram expurgados e comunidades inteiras foram aterrorizadas pelo que se imaginava que

houvessem feito durante a guerra. Algumas das piores vinganças foram executadas contra indivíduos. Civis alemães foram espancados, presos, usados para trabalho escravo ou simplesmente assassinados por toda a Europa. Soldados e policiais que colaboraram com os nazistas foram presos e torturados. Mulheres que tinham dormido com soldados alemães foram despidas, tiveram a cabeça raspada e foram obrigadas a desfilar pelas ruas cobertas de piche. Milhares de mulheres alemãs, húngaras e austríacas foram violentadas. Longe da lousa apagada, o período que se seguiu à guerra simplesmente propagou as mágoas entre comunidades e entre nações, e muitas delas seguem vivas ainda hoje.

O final da guerra também não significou o nascimento de uma nova era de harmonia étnica na Europa. Na verdade, em algumas partes do continente as tensões étnicas na realidade pioraram. Judeus continuaram a ser vitimados, exatamente como acontecera durante a guerra. Minorias em todos os lugares se tornaram, novamente, alvos políticos, fato que em algumas regiões levou a atrocidades tão repugnantes quanto as cometidas pelos nazistas. O pós-guerra também assistiu à conclusão lógica dos esforços dos nazistas para categorizar e segregar diferentes raças. Entre 1945 e 1947 dezenas de milhões de homens, mulheres e crianças foram expulsos de seus países em alguns dos maiores atos de limpeza étnica jamais vistos pelo mundo. Este é um tema raramente discutido pelos admiradores do “milagre europeu”, e ainda mais raramente compreendido: mesmo os que são familiarizados com as expulsões de alemães sabem pouco sobre as expulsões similares de outras minorias na Europa oriental. A diversidade cultural que um dia fora parte integrante da paisagem europeia antes, e mesmo durante, da guerra recebeu o golpe mortal definitivo somente depois do final da guerra.

Que a reconstrução da Europa tenha começado em meio a todas essas questões a faz ainda mais notável. Mas da mesma forma que a guerra levou muito tempo para terminar, a reconstrução também levou muito tempo para se pôr em marcha. As pessoas que viviam em meio às ruínas das cidades devastadas da Europa se preocupavam mais com os detalhes da sobrevivência diária do que com a restauração dos tijolos que compõem a sociedade. Elas estavam famintas, enlutadas e amargas pelos anos de sofrimento que tiveram de suportar – antes de serem capazes de ficar motivadas com o início da

reconstrução, precisavam de tempo para dar vazão a sua raiva, para refletir e para prantear seus mortos.

As novas autoridades que assumiram a direção da Europa também precisavam de tempo para se estabelecer. Sua primeira prioridade não era a limpeza das ruínas, ou a reabertura das fábricas, mas simplesmente a indicação dos representantes e conselhos em cada região de seus países. Esses conselhos tiveram em seguida de conquistar a confiança de seus povos, a maioria dos quais havia aprendido durante seis anos de atrocidades organizadas a tratar todas as instituições com extrema cautela. Em tais circunstâncias o estabelecimento de alguma espécie de lei e ordem, para não falar de reconstrução, era pouco mais que um sonho. Somente as entidades externas – os exércitos aliados, as Nações Unidas, a Cruz Vermelha – tinham a autoridade e os homens necessários para empreender tais feitos. Na ausência dessas entidades o caos reinava.

A HISTÓRIA DA EUROPA NO PERÍODO DO PÓS-GUERRA imediato não é portanto primariamente de reconstrução e de reabilitação – ela é antes de tudo uma história de mergulho na anarquia. Esta é uma história que nunca foi bem escrita. Dezenas de livros excelentes descrevem os fatos em países individuais – em especial na Alemanha –, mas o fazem à custa do quadro maior: os mesmos temas se repetem por todo o continente. Há uma ou duas histórias, como o *Pós-guerra* de Tony Judt, que abrangem uma visão mais ampla do continente como um todo – porém em uma escala muito maior de tempo, tendo assim de resumir os anos do pós-guerra em poucos capítulos. Pelo que eu saiba não existe nenhum livro em nenhuma língua que descreva o continente todo – leste e oeste – em detalhes durante essa época crucial e turbulenta.

Este livro é uma tentativa parcial de retificar a situação. Ele não será, como tantos outros livros, uma tentativa de explicar como o continente por fim se ergueu das cinzas e buscou se reconstruir física, econômica e moralmente. Ele não vai se concentrar no julgamento de Nuremberg, ou no Plano Marshall, ou em qualquer outra tentativa de cicatrização das feridas criadas pela guerra. Em vez disso, ele se ocupará do período anterior àquele em que tais tentativas eram uma possibilidade, quando a maior parte da Europa ainda era extremamente volátil, e a violência podia se reacender à menor provocação. Em certo sentido ele procurará descrever o impossível – descrever o

caos. Ele o fará pinçando diferentes elementos no caos e sugerindo modos pelos quais se ligavam por meio de temas comuns.

Começarei por mostrar precisamente o que foi destruído durante a guerra, tanto em termos físicos quanto morais. É somente ao apreciar de maneira plena o que se perdeu que poderemos compreender os acontecimentos que se seguiram. A Parte II descreve a onda de vingança que se espalhou pelo continente, e sugere modos pelos quais esse fenômeno foi manipulado para ganhos políticos. Vingança é um tema constante deste livro, e uma compreensão de sua lógica, e os propósitos a que ela serviu, é essencial para a compreensão da atmosfera da Europa do pós-guerra. As Partes III e IV mostram o que aconteceu quando se autorizou que a vingança e outras formas de violência fugissem do controle. A limpeza étnica, a violência política e a guerra civil resultante foram alguns dos acontecimentos mais importantes da história europeia. Procurarei argumentar que eles foram, na realidade, os últimos espasmos da Segunda Guerra Mundial – e em muitos casos quase uma conexão direta com o início da Guerra Fria. Este livro cobrirá, portanto, grosseiramente, os anos entre 1944 e 1949.

Ao escrevê-lo, um dos meus objetivos principais foi romper com a visão ocidental limitada que tende a prevalecer na maioria dos escritos sobre o período. Durante décadas, livros sobre o pós-guerra se concentraram nos eventos da Europa ocidental, principalmente porque informações sobre o leste não estavam disponíveis, mesmo na Europa oriental. Desde a dissolução da União Soviética e seus Estados-satélites essas informações se tornaram mais disponíveis, mas ainda tendem a ser obscuras, e aparecem em geral somente em livros e periódicos acadêmicos, frequentemente apenas na língua do autor. Assim, embora muitos trabalhos pioneiros tenham sido feitos por escritores poloneses, tchecos ou húngaros, eles se tornaram acessíveis somente em polonês, tcheco ou húngaro. Eles também ficaram em sua maior parte nas mãos de acadêmicos – o que introduz o outro propósito deste livro: fazer com que esse período ganhe vida para o leitor comum.

Meu objetivo final, e talvez o mais importante, é abrir um caminho em meio ao labirinto de mitos propagados sobre o pós-guerra. Muitos dos “massacres” que eu investiguei se revelam, ante um olhar mais apurado, bem menos dramáticos do que o retrato habitualmente feito deles. Igualmente, algumas atrocidades impressionantes foram silenciadas ou simplesmente perdidas no

turbilhão de outros eventos históricos. Embora talvez seja impossível desenterrar a verdade precisa por trás de alguns desses incidentes, ao menos é possível apagar algumas inverdades.

Uma das questões que me atemorizam é a plethora de estatísticas vagas e não comprovadas que com frequência surgem em discussões sobre esse período. As estatísticas de fato importam porque costumam ser empregadas para fins políticos. Algumas nações exageram de modo rotineiro os crimes dos vizinhos, seja para desviar a atenção de seus próprios crimes, seja para favorecer os próprios interesses nacionais. Partidos políticos de todas as tendências exageram os malfeitos dos rivais e suavizam os de seus aliados. Historiadores por vezes também exageram, ou simplesmente escolhem o número mais sensacional entre o espectro de cifras disponíveis para fazer com que suas histórias pareçam mais dramáticas. Porém as histórias desse período são fantásticas o bastante – elas não demandam exageros. Por essa razão procurei, onde foi possível, basear todas as minhas estatísticas em fontes oficiais ou em estudos acadêmicos responsáveis quando as fontes oficiais faltavam ou eram suspeitas. Sempre que as estatísticas forem discutíveis, utilizarei o que me parecer o número mais confiável no texto principal e os números alternativos nas notas.

Dito isso, seria ingênuo imaginar que os meus esforços visando à precisão não possam ser aprimorados. E este livro também não pode ter a pretensão de ser uma história “definitiva” ou “completa” do período do pós-guerra na Europa: o tema é extenso demais. Em vez disso, ele é uma tentativa de lançar luz sobre todo um mundo de acontecimentos surpreendentes e por vezes aterradorantes para aqueles que, de outra forma, talvez nunca tivessem tomado conhecimento deles.

Minha esperança é que ele abra um debate sobre como esses eventos afetaram o continente durante os estágios mais dolorosos de seu renascimento e, uma vez que existe um campo imenso para mais pesquisas, estimule outros a investigá-lo com mais profundidade. Se o passado é um país estrangeiro, esse período da história da Europa tem vastas regiões demarcadas somente pela frase “Aqui há dragões”.

Nota sobre os nomes de lugares

O MAPA DA EUROPA SE TRANSFORMOU consideravelmente na sequência da Segunda Guerra Mundial, e os nomes das cidades se modificaram com ele. Assim, por exemplo, a cidade alemã de Stettin se tornou a cidade polonesa de Szczecin, a polonesa Wilno se tornou a lituana Vilnius e a italiana Fiume se tornou a iugoslava Rijeka.

A não ser que exista um nome estabelecido para determinada cidade, procurei sempre usar os nomes de lugares como seriam em geral aceitos na época. Assim, usei Stettin para falar de acontecimentos ocorridos durante a guerra, mas Szczecin ao descrever eventos posteriores. Da mesma forma, dei nomes russos para cidades ucranianas como Kharkov ou Dnepropetrovsk porque, como partes da União Soviética, ela assim que os documentos contemporâneos se referiam a elas.

Havia, e ainda há, intenções nacionalistas fortes por trás de nomes dados a cidades, em especial em áreas fronteiriças sensíveis. Eu gostaria de assegurar ao leitor que esses não são necessariamente sentimentos de que compartilho.

PARTE I

O legado da guerra

Eu pensava que você estaria lá para me receber. Em vez disso, o que me recebeu foi o mau cheiro de cinzas que pairava e os escombros da nossa casa arruinada.

SAMUEL PUTTERMAN ao voltar para Varsóvia, 1945¹

Víamos a destruição física, mas o efeito da vasta ruptura econômica e da destruição política, social e psicológica nos escapou completamente.

DEAN ACHESON, subsecretário de Estado dos Estados Unidos, 1947²

1. Destruição física

EM 1943, Karl Baedeker, o editor de livros de viagem, publicou um guia para o Generalgouvernement – a porção central e do sul da Polônia que permaneceu nominalmente separada do Reich. Como em todas as publicações na Alemanha da época, ele se concentrava tanto na disseminação de propaganda quanto na oferta de informações para os leitores. A seção sobre Varsóvia era um exemplo disso. O livro esbanjava lirismo sobre as origens alemãs da cidade, seu caráter alemão e o modo como se tornara uma das grandes capitais do mundo, “predominantemente pelo esforço de alemães”. Ele instava os turistas a visitarem o Castelo Real medieval, a catedral do século XIV e a bela igreja jesuítica do Renascimento tardio – todos produtos da cultura e influência alemãs. De especial interesse era o complexo de palácios barrocos tardios em torno da praça Piłsudski – “a mais bela praça de Varsóvia” –, então renomeada praça Adolf Hitler. O marco central era o palácio “saxão”, construído naturalmente por um alemão, e seus belos Jardins Saxões, também desenhados por arquitetos alemães. O guia de viagem reconhecia que um ou dois edifícios haviam sido lamentavelmente danificados pela batalha por Varsóvia em 1939, mas desde então, ele assegurava aos leitores, Varsóvia “está sendo reconstruída uma vez mais sob a liderança alemã”.¹

Não havia menção aos subúrbios ocidentais da cidade, que tinham sido convertidos em um gueto para os judeus. Isso provavelmente caía bem, porque quando o livro estava sendo publicado irrompeu por lá um levante que obrigou o Brigadeführer-SS Jürgen Stroop a incendiar praticamente todas as casas do distrito.² Quase quatro quilômetros quadrados da cidade foram completamente destruídos dessa forma.

No ano seguinte, um segundo levante irrompeu no restante da cidade. Dessa vez foi uma insurgência mais generalizada inspirada pelo Exército Doméstico Polonês. Em agosto de 1944, grupos de homens, mulheres e jo-

vens poloneses começaram a armar emboscadas contra soldados alemães e a roubar suas armas e munições. Durante os dois meses seguintes eles se protegeram atrás de barricadas na cidade velha e em torno dela e aprisionaram mais de 17 mil homens da tropa alemã que lutava contra os insurgentes.³ O levante terminou apenas em outubro após um dos combates mais brutais da guerra. Depois, cansado da desobediência polonesa e ciente de que os russos entrariam na cidade de todo modo, Hitler ordenou que a cidade fosse completamente arrasada.⁴

Assim, tropas alemãs explodiram o Castelo Real da Idade Média que tanto impressionara Baedeker. Eles minaram a catedral do século XIV e a explodiram também. Em seguida destruíram a igreja jesuítica. O palácio saxão foi sistematicamente explodido ao longo de três dias depois do Natal de 1944, bem como todo o complexo de palácios barrocos e rococós. O Hotel Europeu, recomendado pelo Baedeker, foi primeiramente incendiado em outubro e, depois, apenas para que não restasse dúvida, explodido em janeiro de 1945. Tropas alemãs foram de casa em casa, rua por rua, destruindo sistematicamente a cidade inteira: 93% das habitações de Varsóvia foram destruídas ou danificadas sem que houvesse possibilidade de reparo. Para completar a destruição, os alemães incendiaram o Arquivo Nacional, os Arquivos de Antigos Documentos, os Arquivos Financeiros, os Arquivos Municipais, os Arquivos de Novos Documentos e a Biblioteca Pública.⁵

Depois da guerra, quando os poloneses se voltaram para a reconstrução da capital, o Museu Nacional promoveu uma exposição que mostrava os fragmentos dos edifícios e obras de arte que haviam sido danificados ou destruídos durante a ocupação alemã. Produziu-se um guia que, ao contrário do Baedeker, era escrito todo ele no passado. A intenção era lembrar à gente de Varsóvia, e ao mundo, o que exatamente fora perdido. Existe uma compreensão implícita tanto no guia quanto na própria exposição de que aqueles que vivenciaram a destruição de Varsóvia não eram mais capazes de apreender a imensidão do que acontecera à sua cidade. Para eles, ela havia acontecido gradualmente, começando pelo bombardeio de 1939, continuando com o saque alemão durante a ocupação e terminando com a destruição do gueto em 1943 e a devastação definitiva no final de 1944. Nessa hora, apenas alguns meses depois da libertação eles haviam se acostumado a viver em casas que só tinham as paredes, cercados por montanhas de escombros.⁶

De certa forma, o verdadeiro alcance da destruição só podia ser avaliado por aqueles que viam seus resultados sem que na verdade a testemunhassem enquanto acontecia. John Vachon era um jovem fotógrafo que chegara a Varsóvia como participante do esforço de ajuda das Nações Unidas após a guerra. As cartas que ele escreveu a sua esposa Penny em janeiro de 1946 expressam sua total incompreensão ante o alcance da destruição.

Esta é realmente uma cidade inacreditável e eu quero lhe dar uma ideia sobre ela, e não sei como posso fazê-lo. Veja, é uma grande cidade. Mais de 1 milhão antes da guerra. Grande como Detroit. Agora ela está 90% *toda* destruída ... Por onde quer que você ande há silhuetas de edifícios destelhados e sem as laterais, e gente vivendo neles. A não ser no gueto, que também é uma grande planície de tijolos, com camas retorcidas e banheiras e sofás, quadros emoldurados, malas, milhões de coisas que emergem em meio aos tijolos. Não consigo entender como isso foi feito ... É algo tão perverso que não consigo acreditar.⁷

A bela cidade barroca descrita por Karl Baedeker apenas dois anos antes havia desaparecido completamente.

É DIFÍCIL TRANSMITIR em termos significativos a amplitude da aniquilação causada pela Segunda Guerra Mundial. Varsóvia era somente um exemplo de cidade destruída – havia outras dezenas apenas na Polônia. Na Europa como um todo, *centenas* de cidades haviam sido parcial ou inteiramente devastadas. Fotografias tiradas depois da guerra dão uma ideia da amplitude da destruição de cidades individuais, mas ao tentarmos multiplicar a devastação por todo o continente ela desafia, necessariamente, a compreensão. Em alguns países – em especial na Alemanha, na Polônia, na Iugoslávia e na Ucrânia – um milênio de cultura e de arquitetura foi esmagado no espaço de apenas alguns breves anos. A violência que levou a tal devastação foi comparada por mais de um historiador ao Armagedom.⁸

As pessoas que testemunharam a aniquilação das cidades europeias lutavam para se conformar com a devastação local que viram, e é somente em suas descrições torturadas, inadequadas, que parte da aniquilação se torna imaginável. Entretanto, antes de nos encontrarmos com tais reações

humanas ao cenário destruído e esmagado, temos de adiantar algumas estatísticas – porque as estatísticas são importantes, a despeito de quão enganosas possam ser.

Única nação a ter desafiado Hitler com sucesso durante toda a guerra, a Grã-Bretanha sofreu muito. A Luftwaffe despejou quase 50 mil toneladas de bombas sobre a ilha durante a Blitz, destruindo 202 mil casas e danificando mais 4,5 milhões.⁹ Os golpes sofridos pelas maiores cidades inglesas são bem conhecidos, mas foi o que aconteceu a algumas das cidades menores que mostra a verdadeira extensão do bombardeio. A ferocidade dos ataques contra Coventry deram origem a um novo verbo alemão, *coventriren* – “coventrar”, ou destruir completamente. Clydebank é uma cidade industrial relativamente pequena na periferia de Glasgow: de 12 mil casas, apenas oito escaparam de danos.¹⁰

Do outro lado do canal da Mancha os danos não foram tão extensos, mas muito mais concentrados. Caen, por exemplo, foi praticamente apagada do mapa quando os Aliados desembarcaram na Normandia em 1944: 75% da cidade foi obliterada por bombas aliadas.¹¹ Saint-Lô e Le Havre sofreram ainda mais, com 77% e 82% dos edifícios destruídos.¹² Quando os Aliados desembarcaram no sul da França, mais de 14 mil edifícios em Marselha foram parcial ou completamente destruídos.¹³ Segundo os registros do governo de pedidos de indenização e empréstimos por perdas de guerra, 460 mil edifícios na França foram destruídos na guerra, e mais 1,9 milhão danificados.¹⁴

Quanto mais para leste alguém viajasse depois da guerra, pior era a devastação. Em Budapeste, 84% dos edifícios haviam sido danificados, e 30% deles com tanta intensidade que eram completamente inabitáveis.¹⁵ Cerca de 80% da cidade de Minsk na Bielorrússia foi destruída: apenas dezenove de 332 fábricas maiores na cidade sobreviveram, e somente porque as minas colocadas pelos alemães em retirada foram desativadas a tempo por sapadores do Exército Vermelho.¹⁶ A maioria dos edifícios públicos de Kiev foi minada quando os soviéticos se retiraram em 1941 – o restante foi destruído quando eles voltaram em 1944. Kharkov, no leste da Ucrânia, foi disputada tantas vezes que ao final havia pouco a ser disputado. Em Rostov e Voronej, segundo um jornalista britânico, a “destruição se aproximou de 100%”.¹⁷ E a lista prossegue. Aproximadamente 1.700 cidades foram devastadas na União Soviética, 714 delas apenas na Ucrânia.¹⁸

Os que viajaram por essa paisagem em ruínas depois da guerra viram cidade após cidade destruída. Muito poucas entre essas pessoas procuraram descrever a totalidade do que viram – em vez disso, elas buscavam se conformar com os danos mais localizados em cada cidade pela qual passavam. Stalingrado, por exemplo, não era mais que “pedaços de paredes, caixotes de edifícios parcialmente arruinados, pilhas de entulhos, chaminés soltas”.¹⁹ Sebastopol “era melancólica para além do que palavras poderiam expressar”, onde “mesmo nos subúrbios ... mal havia uma casa de pé”.²⁰ Em setembro de 1945, o diplomata americano George F. Kennan se viu na outrora finlandesa mas por ora russa cidade de Vyborg, admirando o modo como “raios de sol do começo da manhã ... caíam sobre as cascas desentranhadas de edifícios de apartamentos, e os banhavam momentaneamente com um brilho glacial, pálido”. A não ser por uma cabra que ele assustou em um portão em ruínas, Kennan parecia ser o único ser vivo em toda a cidade.²¹

No centro de toda essa destruição ficava a Alemanha, cujas cidades sem dúvida sofreram os danos mais extensos da guerra. Por volta de 3,6 milhões de apartamentos alemães foram destruídos pelas forças aéreas britânica e americana – ou seja, cerca de um quinto de todos os espaços habitáveis do país.²² Em termos absolutos, os danos aos espaços habitáveis na Alemanha eram quase dezoito vezes piores do que na Grã-Bretanha.²³ Cidades individuais sofreram muito mais que a média. Segundo números do Escritório Estatístico do Reich, Berlim perdeu até 50% de seus recintos habitáveis, Hanôver 51,6%, Hamburgo 53,3%, Duisburg 64%, Dortmund 66% e Colônia 70%.²⁴

Quando observadores aliados chegaram à Alemanha depois da guerra, a maioria esperava encontrar uma destruição semelhante em escala à que testemunharam na Inglaterra durante a Blitz. Mesmo depois que jornais e revistas britânicos e americanos começaram a imprimir imagens e descrições da devastação, era impossível alguém se preparar para a visão da coisa concreta. Austin Robinson, por exemplo, foi enviado à Alemanha Ocidental logo depois da guerra em nome do Ministério da Produção da Inglaterra. Sua descrição de Mainz enquanto esteve lá demonstra seu sentimento de choque:

Aquele esqueleto, com quarteirões inteiros arrasados, imensas áreas com nada a não ser paredes de pé, fábricas quase completamente desentranhadas, é uma

imagem que me acompanhará por toda a vida. Sabíamos dela intelectualmente, sem senti-la emocional ou humanamente.²⁵

O tenente inglês Philip Dark também se horrorizou ante a imagem apocalíptica que viu em Hamburgo ao final da guerra:

Seguimos na direção do centro para entrar em uma cidade devastada para além de toda compreensão. Era mais que terrificante. Até onde os olhos podiam ver, quilômetros e mais quilômetros quadrados de cascas vazias de edifícios com vigas retorcidas como espantalhos dependurados, aquecedores de um apartamento se projetando pela fenda de uma parede que permaneceu de pé, como o esqueleto de um pterodáctilo crucificado. Formas horrendas, assustadoras, de chaminés emergiam da moldura de uma parede. O todo permeado por uma atmosfera de quietude atemporal ... Tais impressões são incompreensíveis a menos que sejam vistas.²⁶

Existe um sentido de completo desespero em muitas das descrições de cidades alemãs em 1945. Dresden, por exemplo, não mais se assemelhava à “Florença no Elba”, mas era mais como “a superfície da Lua”, e planejadores acreditavam que levaria “ao menos setenta anos” para reconstruí-la.²⁷ Munique estava tão devastada que “fazia com que alguém realmente pensasse que o Juízo Final era iminente”.²⁸ Berlim estava “completamente arruinada – apenas pilhas de entulho e esqueletos de casas”.²⁹ Colônia era uma cidade “que jazia sem beleza, disforme no entulho e solidão da completa derrota física”.³⁰

Entre 18 e 20 milhões de alemães ficaram desabrigados pela destruição das cidades – o mesmo que as populações somadas da Holanda, Bélgica e Luxemburgo antes da guerra.³¹ Outras 10 milhões de pessoas na Ucrânia também estavam desabrigadas, ou seja, mais que a população total da Hungria antes da guerra.³² Essa gente vivia em sótãos, ruínas, buracos na terra – em qualquer lugar em que pudessem encontrar um abrigo razoável. Eram inteiramente privadas de serviços essenciais, tais como água, gás, eletricidade – como milhões por toda a Europa. Varsóvia, por exemplo, tinha somente dois sinais de trânsito que funcionavam.³³ Em Odessa havia água unicamente de poços artesianos, de modo que mesmo dignitários visitantes recebiam apenas uma garrafa diária para se lavar.³⁴ Sem essas

utilidades essenciais as populações das cidades europeias eram reduzidas a viver, como um colunista americano descreveu, “de modo medieval cercadas pelas máquinas destruídas do século XX”.³⁵

ENQUANTO A DEVASTAÇÃO foi mais dramática nas cidades europeias, as comunidades rurais muitas vezes sofreram tanto quanto. Por todo o continente fazendas foram saqueadas, incendiadas, inundadas ou simplesmente negligenciadas por causa da guerra. Os pântanos no sul da Itália, drenados de modo assíduo por Mussolini, foram deliberadamente inundados de novo pelos alemães que se retiravam, levando a um recrudescimento da malária.³⁶ Mais de 200 mil hectares da Holanda foram arruinados quando as tropas alemãs abriram de forma proposital os diques que continham o mar.³⁷ Lugares distantes dos principais palcos da guerra não estavam a salvo de tal tratamento. Mais de um terço das moradias na Lapônia foram destruídas pelos alemães em retirada.³⁸ A ideia era impedir que as forças finlandesas traidoras tivessem qualquer abrigo durante o inverno, mas também teve o efeito de criar mais de 80 mil refugiados. No norte da Noruega e da Finlândia as estradas foram minadas, as linhas telefônicas arrancadas e pontes destruídas, criando problemas que seriam sentidos durante anos depois do final da guerra.

Novamente, quanto mais para leste, pior a destruição. A Grécia perdeu um terço de suas florestas durante a ocupação alemã, e mais de mil aldeias foram incendiadas e tornadas inabitáveis.³⁹ Na Iugoslávia, segundo a Comissão de Reparações do pós-guerra, 24% dos pomares foram destruídos, bem como 38% dos vinhedos e cerca de 60% de todos os animais de criação. A pilhagem de milhões de toneladas de grãos, leite e lã completou a ruína da economia rural iugoslava.⁴⁰ Na União Soviética foi ainda pior: lá, 70 mil aldeias foram destruídas, junto com as comunidades e toda a infraestrutura rural.⁴¹ Tal dano não foi simplesmente o resultado de combates e pilhagem ocasional – foi causado pela destruição sistemática e deliberada da terra e das propriedades. Fazendas e aldeias foram queimadas ante o menor sinal de resistência. Vastas porções de florestas ao longo de estradas foram derubadas para minimizar o risco de emboscadas.

Muito se escreveu sobre a crueldade da Alemanha e da Rússia quando se atacaram, mas elas foram igualmente cruéis na defesa. Quando o exército

alemão se infiltrou no território soviético no verão de 1941, Stálin falou a seu povo na rádio para lhes recomendar que retirassem tudo que pudessem antes da fuga: “Toda propriedade de valor, incluindo metais não ferrosos, grãos e combustível, que não possa ser levada deve ser destruída sem hesitação. Em áreas ocupadas pelo inimigo, unidades de guerrilha ... devem incendiar florestas, depósitos e transportes.”⁴²

Quando a sorte começou a virar, Hitler da mesma forma ordenou que nada deveria ser deixado para trás para os soviéticos que voltavam. “Independentemente dos habitantes, toda localidade deve ser queimada e destruída para privar o inimigo de acomodações”, dizia uma das ordens de Hitler a seus comandantes do exército na Ucrânia em dezembro de 1941; “as localidades deixadas intactas têm de ser na sequência arruinadas pela Força Aérea”.⁴³ Mais tarde, quando as coisas começaram a ficar desesperadoras, Himmler ordenou aos líderes da SS que destruíssem tudo: “Nenhuma pessoa, nenhuma cabeça de gado, nenhuma quantidade de grãos, nenhuma linha de trem deve ser deixada para trás ... o inimigo deve encontrar um país inteiramente queimado e destruído.”⁴⁴

Como consequência de ordens como essa, vastas áreas de terra agricultável na Ucrânia e na Bielorrússia foram incendiadas não uma vez, mas duas, e com elas incontáveis aldeias e casas de fazenda que poderiam oferecer abrigo ao inimigo. A indústria, naturalmente, era uma das primeiras coisas a ser destruídas. Na Hungria, por exemplo, quinhentas grandes fábricas foram desmanteladas e transportadas para a Alemanha – mais de 90% do restante foi deliberadamente danificado ou destruído – e quase toda mina de carvão foi inundada ou implodida.⁴⁵ Na União Soviética, aproximadamente 32 mil fábricas foram destruídas.⁴⁶ Na Iugoslávia, a Comissão de Reparações estimou que o país havia perdido mais de 9,14 bilhões de dólares em termos de indústrias, um terço da riqueza industrial do país.⁴⁷

Talvez o dano pior tenha sido o que acometeu a infraestrutura de transportes do continente. A Holanda, por exemplo, perdeu 60% de seus transportes rodoviários, ferroviários e por canais. Na Itália, quase um terço da rede de estradas do país ficou inutilizado, e 13 mil pontes foram danificadas ou destruídas. Tanto a França quanto a Iugoslávia perderam 77% de suas locomotivas e uma percentagem semelhante de vagões. A Polônia perdeu um quinto das estradas, um terço das linhas férreas (cerca de 15 mil quilômetros

no total), 85% dos vagões e 100% da aviação civil. A Noruega perdeu metade de sua tonelagem naval de antes da guerra, e a Grécia, entre dois terços e três quartos de seus navios. Ao final da guerra, o *único* método universalmente confiável para se viajar era a pé.⁴⁸

A DEVASTAÇÃO FÍSICA da Europa foi mais que a simples perda dos edifícios e da infraestrutura. Foi mais que a própria destruição de séculos de cultura e arquitetura. O fato verdadeiramente perturbador em relação às ruínas era o que elas simbolizavam. As montanhas de detritos eram, como disse um funcionário britânico, “um monumento ao poder de autodestruição do homem”.⁴⁹ Para centenas de milhões de pessoas elas eram uma lembrança diária da maldade testemunhada pelo continente, que poderia reemergir a qualquer hora.

Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz, afirmou que havia algo quase sobrenatural no modo como os alemães destruíram tudo em seu rastro. Para ele, os restos partidos de uma base do exército em Slutsk, perto de Minsk, demonstravam o “gênio da destruição, da anticriação, lá como em Auschwitz; era a mística da esterilidade, para além das exigências da guerra ou do ímpeto de pilhagem”.⁵⁰ A destruição levada a cabo pelos Aliados foi quase igual: quando viu as ruínas de Viena, Levi foi tomado por uma “sensação pesada, ameaçadora, de um mal irreparável e definitivo, presente em todo lugar, abrigado nas entranhas da Europa e do mundo, a semente do mal futuro”.⁵¹

É essa corrente subterrânea de “anticriação” e de “mal definitivo” que torna a contemplação da destruição das cidades da Europa tão perturbadora. O que está implícito em todas as descrições da época, embora nunca explicitado, é que por trás da devastação material existe algo muito pior. Os “esqueletos” de casas e os quadros emoldurados projetados em meio às ruínas de Varsóvia eram altamente simbólicos: oculto sob as ruínas, tanto literal quanto metaforicamente, havia um desastre humano e moral distinto.